

Corpos que Falam: um lugar para as vozes de estudantes de pós-graduação em quarentena

Piração - [Sandra Benites, PPGAS/MN/UFRJ]

27/6/2020

Neste pequeno texto gostaria de expressar os sentimentos de piração que passei a sentir durante minha reclusão forçada no período da pandemia do coronavírus. Por viver há pouco tempo na cidade, achei que me isolar não traria problemas emocionais, mas morando num apartamento minúsculo, sem chão, já estava em estado de entrar em delírio, a qualquer momento. É desse delírio que gostaria falar, a partir do meu novo olhar, desde que vim morar na cidade. Pela experiência de viver na aldeia e na cidade, pude avistar o movimento das pessoas de diversas formas. É nesse sentido que irei pontuar algumas questões que acredito sejam relevantes para a minha reflexão, para meu modo particular.

Mesmo desde antes, já vivendo no *tetā re* (cidade), vinha observando e sentindo essa sensação, como se eu estivesse numa jaula; morar na cidade é, literalmente, estar preso, encarcerado. Aí eu me pergunto: somos condenados por quê e por quem? As pessoas da cidade sempre viveram com essa sensação? Esse sentimento de encarceramento não é tratado como direito à saúde. Que ironia estar em meu quarto, depois do meu surto explodir. Já carregava comigo esse surto, mas tinha conseguido controlá-lo até a explosão da doença. Todos deveriam surtar por serem punidos, aprisionados, cercados numa jaula minúscula. Não sei se realmente estão se sentindo bem ou apenas fingindo que estão bem, para criar uma ilusão de que as cidades são felizes. Entendo que as pessoas que estão satisfeitas e acomodadas são aquelas que nunca tiveram oportunidade de observar paisagens de várias janelas, de várias esquinas. Talvez por isso, os que têm direito de movimentar seus corpos estão marcados por uma sensação de frieza: muitos *djurua* acham normal um morto ou um vivo estar exposto na rua. Achar normal que as pessoas morem nas ruas e não fazer nada é a mesma coisa que assistir a um espetáculo.

Lembro de um acontecimento, pouco depois de minha chegada ao Rio de Janeiro, um dia quente, em pleno meio-dia. Havia grupos de professores se manifestando na frente da ALERJ. Naquele dia estava indo a um evento na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, a convite de uma professora para dar uma palestra, e passei por lá porque é caminho para pegar a barca para Niterói. Nunca mais esqueci daquelas imagens terríveis, na saída do metrô. Não sabia o que estava acontecendo. Fui caminhando normalmente, senti meus olhos ardendo e vi muita fumaça. Continuei andando. Muitas pessoas corriam, outras eram carregadas desmaiadas na frente de policiais que disparavam spray de pimenta e balas de borracha como se fosse chuva de granizo. Imagens de guerra. Um senhor foi atingido.

Lembrei da *xe djaryi*, minha avó, e fiquei muito emocionada. Comecei a chorar, no fundo, e a gritar (*sapukai*), que não é grito e sim um canto sagrado que eu sempre ouvia no meu sonho. Minha avó dizia que todas nós mulheres temos nossos cantos. O grito *sapukai* vem da garganta da mulher, dona da voz alta e fina, a voz *nhakyrā* da cigarra, que é da mulher. Toda mulher tem seu canto sagrado. Ele pode surgir a qualquer momento, na tristeza, na alegria, na raiva ou num momento de enfrentamento, como naquele dia. O que me deixou chocada foi que aqueles que estavam na luta, sendo atacados por policiais, passando mal, ficavam perto de outros tomando cerveja e que viam aquela situação como se não estivesse acontecendo nada.

Corpos que Falam: um lugar para as vozes de estudantes de pós-graduação em quarentena



Casa de reza guarani-kaiowá, em Guaiviry, Mato Grosso do Sul. Foto: Mariany Martinez.

A maioria dos parentes indígenas que vieram estudar ou trabalhar nas cidades, principalmente nas cidades grandes como São Paulo ou Rio de Janeiro, fica também impactada com a presença e a quantidade de moradores de ruas, independente da idade ou gênero, sem ser vistos, ou seja, sem impactar outras pessoas. O choque que levam quando se deparam com essa realidade é muito assustador. Principalmente para aqueles que nunca estiveram nas cidades grandes. A questão não é morar nas ruas, e sim a forma como são abandonados pela própria sociedade das cidades.

Fiquei muito tempo refletindo sobre essa frieza das pessoas da cidade, que normaliza os abandonos no meio de tantas casas. Vivem expostas a ventos, chuvas, calor etc. Não que isso seja ruim - esses elementos da natureza fazem partes das nossas vidas para viver - mas pessoas sem teto estão sem proteção, vulneráveis a quaisquer enfermidades no corpo. Em nossos costumes, frieza, *mboraywu he'yn*, já é uma doença. Isso me deixava chocada e muito pensativa. Tentava entender por quê. Onde esses seres humanos têm direito? Devem estar no papel, no gabinete de alguém que sabe das leis e dos direitos humanos. Não sei se as chamaria de pessoas com *py'a*, com sentimentos.

As pessoas que realmente têm *py'a* podem delirar, pirar, chorar, cantar, gritar. É normal para nós, mas tudo é falado na reunião ou na casa de reza. Por isso que nós Guarani sempre estamos em *nhomongueta*, encontro de conversa, para que não se chegue a explodir. Hoje eu entendo o que é doença para muitos *djurua*. *Mba'e hasy*, *mba'asy*, coisa que dói ou doença, aparece no corpo quando já está no último estágio. Falo por metáforas para libertar minha angústia. Depois que os corpos já estão penalizados, castigados, esquartejados e amputados do espírito, é difícil ressuscitarem ou criarem armaduras para que não desmontem facilmente. O corpo desmontado dificilmente saberá se reerguer. Não estou dizendo que somos melhores, mas os *djurua kuery* sempre acham que se resolve uma doença cuidando dos doentes ou com vacinas. De que adianta curar uma parte do corpo amputada e deixar outras partes sem cuidado? Os vírus sempre irão contaminar as partes sem vacina. Não consigo entender a lógica dos *djurua kuery* quando tratam da doença sem entender que o caminho do bem-estar no mundo inclui humanos e não humanos em volta. Quando tentam cuidar dos corpos, só enxergam os que já estão contaminados. Por isso, enquanto pesquisam para descobrir a cura de uma doença que está no corpo, ela já infectou o corpo inteiro e chega a hora de morrer. Muitos morrem até descobrir a vacina exata para aquela doença. Viver confinados sem poder *nhemongu'e*, se movimentar, sem ter condições de sonhar. A expectativa de vida é uma doença coletiva daqueles que são sufocados pela "pandemia" do desequilíbrio da humanidade.

As cidades não seguem os sistemas e não pensam como Guarani, portanto tive que me movimentar de acordo com os
to pensar como Guarani ou não ser capturado por essa frieza do contexto
npre é meu jeito de ser, e sim marca que carregou - tive que carregar - do

Corpos que Falam: um lugar para as vozes de estudantes de pós-graduação em quarentena

oferecem mais possibilidades de estudar ou trabalhar, como muitos jovens indígenas já ouviram falar. No nosso costume guarani, temos o entendimento de que existe cerca, e não pessoa cercada. Chamamos “cerca” de *kora* ou *kora’i*. Ela não é utilizada para encarcerar pessoas, e sim para as crianças que estão aprendendo a dar passos. *Kora’i* ou *amba’i* significa ‘cerca redonda’, mas pode ser quadrada ou de um lado apenas, geralmente feita pelos pais para ensinar os bebês a se apoiar e se segurar para não cair. Estas cercas ficam nas casas, onde as crianças brincam, até que estejam seguras para andar. Depois que o bebê - *kyrĩ* ou *mita’i* - aprende a andar, os pais retiram todas as cercas, para que a criança tenha autonomia de andar e explorar os espaços onde está sendo inserida, portanto, onde começa sua relação com o espírito da natureza em cada etapa de sua vida guarani. *Kora* é coisa que pode ser redonda, como por exemplo *ipara kora*, que quer dizer ‘coisas que são redondas’. Estão relacionadas com a origem do nome ou espírito da pessoa guarani. Mas esse não é meu foco. O que estou querendo explicar é que nós não aprendemos a viver na cerca fechada. Entendemos que existem cercas para nos apoiar e nos ensinar a andar firme, e não para confinar e encarcerar nossos passos. Não é uma cerca que aprisiona, um lugar fechado que priva a circulação do corpo. Já é delirante ficar literalmente numa casa com quatro janelas e sem chão.

Minha agonia, meu surto psicótico, que havia me capturado talvez desde a infância, durante minha escolarização... Podia controlá-lo com a sensação de autonomia, de estar vivenciando outras atividades, como encontrar meus amigos e professores, ou participar de eventos, congressos, que me davam suporte para continuar respirando, mesmo vivendo sufocada. Sufoco: a agonia que sentia, mesmo vivendo no meio da sociedade, que aparentemente tem muitas pessoas. Estando em uma sociedade em que vivemos encarcerados, é claro que iria entrar em desespero e ficar em estado de choque, de alucinação. Talvez seja comum, mas nunca pensei que ficaria desapontada em meu quarto, olhando para a mesma coisa e vendo o mesmo ângulo. Como não enjoar olhando as mesmas coisas, olhar do mesmo lugar, como uma roleta? Sentia-me sozinha.

Texto original editado, com autorização da autora, por Thiago Sá.

Sandra Benites [sandraarabenites@gmail.com], da etnia guarani nhandewa, é doutoranda do PPGAS/MN/UFRJ. Seu atual projeto de pesquisa trata da vidas das mulheres guarani e tem como título: “Mulher falando: fundamentação do *teko tekohaa* partir da visão das *nhandesy kuera* do Mato Grosso do Sul, mostrando várias facetas *kunhangue reko*”. Texto enviado no dia 7 de junho.

Os comentários estão fechados.

Corpos que Falam: um lugar para as vozes de estudantes de pós-graduação em quarentena

[Avohanne Isabelle Costa de Araújo, PPGHCS/COC/Fiocruz](#)

[Anari Braz Bomfim, PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Antonia Gabriela Araújo, PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Enoc Merino Santí](#)
[PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Felipe Moretti,](#)
[PPGAS/MN/UFRJ](#)
[\[1\], \[2\]](#)

[Gabriel Soares, PPGAS/MN/UFRJ](#)

[João Ramos](#)
[PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Jorge Tibilletti de Lara, Ppghcs/Coc/Fiocruz](#)

[José Roberto S. Saiol, PPGHCS/COC/Fiocruz](#)

[Juliana Oliveira Silva, PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Isabel de Oliveira Dessana,](#)
[PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Laila Pedrosa da Silva, PPGHCS/COC/Fiocruz\]](#)

[Laura Lobato-Baars, PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Marcela Andrade, PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Mutua Mehinaku Kuikuro, PPGAS/MN/UFRJ - egresso](#)

[Natália Carvalhosa](#)
[PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Nelly Duarte Dollis,](#)
[PPGAS/MN/UFRJ](#)

[Pedro Souza Moreira da Silva, PPGHCS/COC/Fiocruz](#)

[Rebeca Capozzi, PPGHCS/COC/Fiocruz](#)

Corpos que Falam: um lugar para as vozes de estudantes de pós-graduação em quarentena

Arquivos

[Julho 2020](#)

[Junho 2020](#)

[Mai 2020](#)

[Abril 2020](#)

[Março 2020](#)
